



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS VI**  
**COLEGIADO DE LETRAS VERNÁCULAS**

**EDVA BARBOSA DA SILVA**

**O PAGADOR DE PROMESSAS: RELIGIOSIDADE, SINCRETISMO RELIGIOSO,  
DOGMATISMO CRISTÃO E INTOLERÂNCIA RELIGIOSA**

**CAETITÉ**

**2014**

**EDVA BARBOSA DA SILVA**

**O PAGADOR DE PROMESSAS: RELIGIOSIDADE, SINCRETISMO RELIGIOSO,  
DOGMATISMO CRISTÃO E INTOLERÂNCIA RELIGIOSA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado da Bahia como requisito para obtenção do título de licenciada em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Me Edmilson de Sena Moraes

**CAETITÉ**  
**2014**

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

EDVA BARBOSA DA SILVA

### **O PAGADOR DE PROMESSAS: RELIGIOSIDADE, SINCRETISMO RELIGIOSO, DOGMATISMO CRISTÃO E INTOLERÂNCIA RELIGIOSIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado da Bahia como requisito para obtenção do título de licenciada em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa.

#### **BANCA EXAMINADORA**

Aprovada em 31 de agosto de 2014 pela banca constituída pelos membros:

**Orientador: Prof. Me. Edmilson de Sena Moraes - UNEB**

Conceito: \_\_\_\_\_ Rubrica \_\_\_\_\_

**Examinador: Profa. Dra. Patrícia Kátia da Costa Pina - UNEB**

Conceito: \_\_\_\_\_ Rubrica \_\_\_\_\_

**Examinador: Profa. Ma. Antonieta Miguel - UNEB**

Conceito: \_\_\_\_\_ Rubrica \_\_\_\_\_

**CAETITÉ  
2014**

Dedico este trabalho à minha mãe, Eurides Barbosa, popularmente conhecida como Tinha, que sempre me apoiou e me deu forças nos momentos de fraqueza, além de sempre acreditar na minha capacidade e nos meus esforços para alcançar os objetivos que tracei para a minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela proteção constante, e por carregar-me em seu colo nos momentos difíceis de provação, orientando-me e dando-me forças para prosseguir e alcançar meus objetivos.

À minha família, por apoiar-me sempre em minhas decisões.

À Universidade do Estado da Bahia, pela oportunidade de ingresso, permanência e conclusão do meu curso.

Ao caro professor orientador deste trabalho, Edmilson de Sena Morais, pela paciência e compreensão nos momentos de dificuldade e pelas orientações que me mostraram o caminho a seguir. Sem elas, certamente o caminho seria mais dificultoso.

Às professoras Patrícia Kátia da Costa Pina e Antonieta Miguel pelas presenças ilustres na banca avaliadora que aprovou este trabalho.

Às minhas colegas, amigas-irmãs, Euvânia Caires, Marina Fernandes, Lucinalva Fernandes, Iris Polyanna, Maria do Carmo (popularmente, Carmem, a nossa mãezona), Sayonara Lima e Thaís Farias pelo apoio moral, companheirismo e carinho devotados a mim em momentos difíceis. Vocês foram minhas companheiras de todas as horas e, saibam, cultivo significativo apreço por vocês.

Em especial, agradeço a Carla Nunes, que abdicou de seu precioso tempo para ouvir-me e dar-me forças para prosseguir na labuta que culminou neste rico e significativo trabalho.

Enfim, àqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização deste trabalho. A vocês, meu **MUITO OBRIGADO!**

Religião (do latim *religare*, significando religião com o divino) é um conjunto de sistemas culturais e de crenças que estabelece os símbolos que relacionam a humanidade com a espiritualidade e seus próprios valores morais” (Clifford Geertz, 1973).

SILVA, Edva Barbosa da (2014). **O Pagador de Promessas: religiosidade, sincretismo religioso, dogmatismo cristão e intolerância religiosa**. TCC – Licenciatura em Letras. Orientador: Profa. Me. Edmilson de Sena Moraes. Caetité: UNEB/ DCH – Campus VI, 45 p.

## **RESUMO**

Este trabalho objetivou compreender de que forma a religiosidade, o sincretismo religioso, o dogmatismo cristão e a intolerância religiosa são representados na obra *O Pagador de Promessas*, de Dias Gomes. O estudo foi realizado por meio de pesquisas bibliográfica e documental, as quais foram de grande importância para a construção e desenvolvimento do trabalho. No decorrer dos estudos, uma gama de teóricos foram estudados, dentre eles: LODY (1987), que discorre sobre o paralelismo afrocatólico e apresenta estudos a respeito do candomblé, principalmente o baiano; COUTINHO (1987) e ARAGÃO (1985) que destacam o gênero dramático; FOLLMANN (1985), CAMARGO (1971), MADURO (1981) que abordam o tema religião. Assim, durante a pesquisa que fundamentou este trabalho, pode-se compreender e aprender a respeito do candomblé, suas práticas, entre outros aspectos antes desconhecidos. Nesta perspectiva, foi possível notar que mesmo em meio há tanto tempo, ainda existe muito preconceito acerca desta religião, que acredito ser resultante da falta de conhecimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Religiosidade. Sincretismo religioso. Dogmatismo cristão. Intolerância religiosa.

SILVA, Edva Barbosa da (2014). **The Given Word: religiosity, religious syncretism, Christian dogmatism and religious intolerance.** Final Composition – Undergraduation Teacher Course on Letters. Conductor: Prof. Me. Edmilson de Sena Moraes. Caetité: UNEB/DCH – Campus VI, 45 p.

## **ABSTRACT**

The present work has as the main goal to comprehend how the religiosity, the syncretism, christian dogmatism and the religious intolerance, are represented in the work *O pagador de Promessas* by Dias Gomes. The study was conducted through bibliographic and documental searches, which were of great importance for constructing and developing of the work. During the studies a range of theoreticians were studied, among them: LODY (1987), who discusses about the parallelism Afro-Catholic and presents studies about the Candomblé, mainly the Baiano; COUTINHO (1987) e ARAGÃO (1985), who highlight the dramatic genre; FOLLMANN (1985), CAMARGO (1971), MADURO (1981) that address the theme religion. Thus, during the research that substantiated this work, it can understand and learn about the Candomblé, its practices, among other aspects previously unknown. In this perspective, it was possible to notice that even after so long, there is still a lot of prejudice about this religion, which I believe is a result of lack of knowledge.

**KEYWORDS:** Religiosity. religious Syncretism. christian Dogmatism. Religious Intolerance

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>PERCURSO TEÓRICO.....</b>	<b>13</b>
2.1.	O PAGADOR DE PROMESSAS ENQUANTO GÊNERO DRAMÁTICO.....	13
2.1.1	RELIGIOSIDADE, SINCRETISMO RELIGIOSO, DOGMATISMO CRISTÃO E INTOLERÂNCIA RELIGIOSA .....	15
2.1.1.1	O PAPEL DA RELIGIÃO NA SOCIEDADE .....	24
2.1.1.1.1	CANDOMBLÉ RELIGIÃO DOS ORIXÁS.....	27
<b>3</b>	<b>OBSTINAÇÃO E INTOLERÂNCIA: FÉ E DOGMATISMO CRISTÃO .....</b>	<b>30</b>
<b>4</b>	<b>E ASSIM DIZEMOS AXÉ E AMÉM .....</b>	<b>40</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>42</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Literatura é um filão precioso para o leitor e, em especial, para o pesquisador, porque permite-lhes a leitura e o trabalho com questões histórico-sociais, políticas, culturais, religiosas, entre outras. Nesta perspectiva de olhar a obra literária como fonte de pesquisa, elegeu-se, neste trabalho, a religião como tema de investigação. Para tanto, procurou-se analisar a clássica obra literária *O Pagador de Promessas*, de autoria de Dias Gomes, por retratar a sociedade baiana dos idos de 1960, a partir do viés religioso.

Neste caso, tomou-se o próprio ponto de vista do autor ao afirmar que o que lhe interessava “(...) não é o dogmatismo cristão, a intolerância religiosa – é a crueldade de uma engrenagem social construída sobre um falso conceito de liberdade”, conceito este que era somente uma visão utópica, porque, apesar de Zé do Burro ser um homem livre, não podia usufruir desta liberdade ao expressar sua fé através de uma promessa a Santa Bárbara, numa festa dedicada a Iansã, divindade africana cultuada nos terreiros de candomblé e sincretizada pela santa católica.

Todavia, o que se percebe nesta obra é aquilo que Lody (1987) chama de paralelismo religioso compreendido pela correspondência culturalmente estabelecida entre uma santa católica, Santa Bárbara, e um orixá africano, Iansã, tradicionalmente incorporado pelo povo baiano às suas crenças, por ambas representarem divindades que comandam os raios e tempestades e que se configuram-se para seus devotos em uma espécie de proteção aos efeitos desses fenômenos naturais, como as personagens da peça *Minha Tia*, pela descrição de Dias Gomes, “uma preta com trajes típicos, com tabuleiro na cabeça” (2011, p.72), e os capoeiristas presentes no drama. Essa correspondência é resultado da estratégia usada pelos africanos escravizados para burlar seus senhores brancos em suas práticas religiosas, uma vez que eram obrigados a seguir uma religião - a saber, a católica – com a intenção de não perderam os costumes trazidos de seu local de origem.

Este fato provocou, ao longo da nossa história, a construção da intolerância religiosa, o que na narrativa é perceptível na reação do Padre Olavo ao saber onde e como a promessa fora feita comportando-se de maneira intransigente e intolerante diante da questão. Diante disso, este trabalho levanta o seguinte questionamento: De que forma a religiosidade, o sincretismo religioso, o dogmatismo cristão e a intolerância religiosa são representados por Dias Gomes em *O Pagador de Promessas*?

O interesse pela questão da religiosidade advém da recorrência das relações assimétricas historicamente estabelecidas pelos setores dominantes da sociedade hierarquizada por estamentos sociais em que prevalece o modo de ser, agir e pensar da classe dominante em detrimento das demais. *O Pagador de Promessas* apresenta uma dualidade religiosa, fato que leva-nos à percepção da intolerância religiosa por parte dos líderes e fiéis católicos cuja visão era contrária às religiões ditas pagãs, como no caso do candomblé. Na obra analisada, a intolerância é visível na reação da igreja ao suposto sincretismo religioso contido na promessa de Zé do Burro quando o Padre Olavo fecha as portas do templo ao saber que a promessa fora feita diante da imagem de Santa Bárbara, em um terreiro de candomblé. Diante disso, nota-se que o Padre Olavo é tomado pela intolerância e intransigência demonstradas pelo autoritarismo de suas atitudes em relação à Zé do Burro.

O clímax da obra se dá quando o padre, ao tomar conhecimento do local onde Zé do Burro havia feito sua promessa e, mesmo sabendo da existência de outras religiões, não aceita o fato por pensar que outra religião poderia ocupar o espaço que para ele cabia somente ao Catolicismo, ou seja, os fiéis não deveriam seguir outra religião que não a católica.

Para atender à demanda da pesquisa, organizou-se a proposta em volta de objetivos. Como objetivo geral, procurou-se: Compreender de que forma a religiosidade, o sincretismo, o dogmatismo cristão e a intolerância religiosa são representados na obra *O Pagador de Promessas*, de Dias Gomes.

Como objetivos específicos, buscou-se: Compreender a literatura enquanto expressão ficcional da realidade; Entender como se deu a formação religiosa do povo baiano e o paralelismo afro-católico; Analisar os diversos posicionamentos dos segmentos sociais diante da questão; Perceber a questão ideológica e dogmática dentro do contexto da obra. Neste sentido, esta pesquisa organiza-se em três seções, distribuídas da seguinte maneira:

Na primeira parte, constituída pelo primeiro capítulo, apresenta-se o percurso teórico realizado para dar sustentação às considerações aqui defendidas e seus respectivos conceitos e desdobramentos, presentes nas seguintes subseções: O Pagador de Promessas enquanto gênero dramático; Religiosidade, sincretismo religioso, dogmatismo cristão e intolerância religiosa; O papel da Religião na sociedade e o Candomblé: religião e orixás. Para tanto, utilizou-se teóricos de respaldo que, em suas obras, versam sobre o assunto. A saber, são eles: ARAGÃO (1985); COUTINHO (1987); FERNANDES (1982); LODY (1987); SANTOS

(2012); PINSKY (1982), entre outros que contribuíram sobremaneira para a fundamentação deste trabalho.

Na segunda seção, procede-se à análise da obra *O Pagador de Promessas*, de Dias Gomes, a partir da análise das falas dos personagens, com ênfase na presença do dogmatismo religioso através da intolerância representada pelas atitudes do Padre Olavo, bem como de outros seguidores do catolicismo e do comportamento de outros personagens presentes na trama, caracterizando, também, a obstinação de Zé do Burro em pagar a promessa.

Na terceira parte, abarca-se as considerações finais que encontram-se sob o título de “E assim dizemos Axé e Amém”, em homenagem às duas religiões às quais se faz referência neste trabalho: o Catolicismo e o Candomblé. Nesta seção, a pesquisadora sintetiza o que foi estudado e lança considerações acerca disso.

## 2 PERCURSO TEÓRICO

### 2.1 O PAGADOR DE PROMESSAS ENQUANTO GÊNERO DRAMÁTICO

Considera-se a literatura como uma manifestação artística na qual o autor exprime suas ideias, sentimentos, representa a realidade através da mimese, assim como Aristóteles a definiu, por meio das suas narrativas e, além disso, a “[...] obra literária exprime o imaginário de uma época” (NAMAN, 2009, p.2).

De acordo com Antônio Candido (1985, p.19) “[...] a literatura é um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre” e, sendo um produto social capaz de traduzir o momento histórico do qual é produto, escolheu-se analisar como está representada a religiosidade em *O Pagador de Promessas*, de Dias Gomes, vez que se configura em um tema instigante e, principalmente, pela curiosidade de conhecer um pouco mais a respeito desta clássica obra dramática que figura entre os cânones de nossa Literatura Nacional. Consoante Afrânio Coutinho (1987, p.783), este gênero é

[...] aquele em que o artista usa como intermédio entre si e o público a *representação*. A sua interpretação da realidade é dada sob forma representada, que imita a realidade. [...] define-se o gênero dramático ou drama como a representação de uma ação sob forma dialogada.

Segundo a afirmação de Coutinho, disposta na citação anterior, pode-se caracterizar a obra de Dias Gomes, *O Pagador de Promessas*, como representante de uma literatura dramática, dialogada, que utiliza a representação como instrumento de diálogo entre o autor, texto e o leitor. Uma outra característica desta obra, é que os “(...) personagens, à maneira de Zé do Burro, não conseguem entender o mundo que o cerca e não conseguem ser compreendidos por esse mundo, revelando um abismo que existem entre as classes sociais” (SANTOS, 2012, p.33).

Com base no que foi dito, não se pode deixar de citar os elementos que compõem o drama, sendo a situação ou o ambiente que, nas palavras de Coutinho, (1987, p.784) “[...] é o conjunto de circunstâncias físicas, sociais, em que se situa a ação que autor a fornece pela descrição do ambiente em que a peça se desenvolve e que antecede os atos ou as partes”. Logo no primeiro quadro, Dias Gomes faz a descrição do ambiente (a identificação de uma

pequena praça, onde desembocam duas ruas) e do tema, que é “[...] a ideia que o autor deseja expor, ou a sua interpretação do real, através da representação” (COUTINHO, 1987, p.784), que é exposta pelo dramaturgo quando afirma que deseja mostrar como a crueldade de uma engrenagem social é construída sobre um falso conceito de liberdade.

Vale ressaltar que a peça *O pagador de promessas* pode ser trágica ou cômica, ou até mesmo trágico-cômica, porque “[...] o espírito trágico e cômico nem sempre se encontram isolados e puros, ao contrário se misturam numa mesma peça, pois, as mesmas situações humanas podem oferecer uma gama de trágico ao cômico.” (COUTINHO, 1987, p.785). Com base nisso, percebe-se que em *O pagador de promessas* há a presença tanto da tragédia, representada pela morte de Zé do Burro, quanto da comédia, presente nas declamações de Dedé Cospe-Rima. Todavia, o trágico se sobrepõe, já que “[...] consiste na luta de um indivíduo contra [...] um ambiente hostil, um destino adverso” (COUTINHO, 1987, p.786), indivíduo este que é identificado no personagem de Zé do Burro, que tem um propósito em cumprir a promessa, mas é barrado pela hostilidade de Padre Olavo e dos fiéis que o condenam por sua ação de ter feito a promessa no terreiro de candomblé.

Dialogando com Coutinho (1987), Maria Lúcia Aragão (1985) salienta que o autor dramático possui um tipo de linguagem que nos leva à comoção e, através desta linguagem, ele traduz “[...] a resistência da personagem nos embates do mundo que o cerca” (p.80), e isso é visível quando o Monsenhor solicita à Zé do Burro que renegue “[...] todos os atos que praticou por inspiração do Diabo e volte para o seio da Santa Igreja.” (GOMES, 2011, p.126). No entanto, Zé do Burro resiste ao que o Monsenhor lhe diz e insiste em pagar sua promessa, pois objetiva somente ao cumprimento da promessa e voltar para a sua casa. Mediante a isso, podemos caracterizar Zé do Burro como um

[...] herói trágico, pois, é aquele que, acreditando em suas idéias e vivendo coerentemente a partir delas, sem duvidar na sua validez, vê-se inesperadamente diante do inevitável destino, que lhe impõe as suas normas próprias e as suas vontades, incompatíveis com sua visão de mundo e idealização (ARAGÃO, 1985, p.81).

A definição acima refere-se a este personagem por conta da visão de mundo que ele tem ao não ver mal algum em ter feito a promessa em um terreiro o qual era o único lugar próximo à sua casa que tinha uma imagem de Santa Bárbara e sua obstinação em cumprir a promessa enfrentando as autoridades eclesiásticas.

Desse modo, percebemos que *O pagador de promessas*, de Dias Gomes, apresenta e denuncia “[...] um mundo marcado pela hipocrisia dos poderosos e pela desigualdade social, mas também um mundo que evoca os homens para a luta por liberdade social” (SANTOS, 2012, p.14), uma liberdade que todos têm, porém, lhe é tomada por conta da esperteza e da autoridade de poucos.

### 2.1.1 RELIGIOSIDADE, SINCRETISMO RELIGIOSO, DOGMATISMO CRISTÃO E INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

“[...] a *religião* é um elemento que participa fortemente na *estruturação das relações sociais e de poder dentro da sociedade.*” (REIMER, s/d, p.1).

A religiosidade é a questão central na peça *O Pagador de promessas* e é representada por duas religiões antagônicas, a saber, o Catolicismo e o Candomblé mas que se caracterizam enquanto “[...] fenômeno social que se organiza em função de símbolos sagrados” (ALVES apud VALE & QUEIRÓZ, 1984, p. 112). Dessa forma, a religiosidade é definida como “[...] uma qualidade do indivíduo que é caracterizada pela disposição ou tendência do mesmo, para perseguir a sua própria Religião ou a integrar-se às coisas sagradas”<sup>1</sup>, ou seja, ela é uma qualidade do que é religioso e está vinculada ao que é popular, ao que vem do povo. Religião, por sua vez, é “[...] um conjunto de princípios, crenças e práticas de doutrinas religiosas”<sup>2</sup> cuja fé e devoção dos fiéis estão relacionadas ao que consideram sagrado.

Para tanto, a visão que se tem das religiões afro-brasileiras é que elas representam algo negativo e, de acordo Rubem César Fernandes (1982, p.122) “[...] o estigma da cor envolve as tradições africanas como uma carga negativa, e particularmente as suas religiões.”, sendo válido ressaltar que são vistas, também, como religiões associadas a práticas malignas, demoníacas.

---

<sup>1</sup> Essa definição foi encontrada no site: <http://www.dicionarioinformal.com.br/religiosidade/>

<sup>2</sup> Essa definição foi encontrada no site: <http://www.significados.com.br/religiao/>

Assim, o próprio Fernandes (1982, p.125) afirma que o catolicismo e o candomblé podem “[...] ser acopladas porque ambas são territoriais, no sentido de compreenderem a plenitude do real no interior de seus rituais. Permitem, portanto, que se diga que a sociedade como um todo é católica ou umbandista”. Nessa mesma perspectiva, Roger Bastide (1985, p.360) aponta que entre o catolicismo e a religião africana existe outra semelhança que “[...] é a de que os orixás e os santos viveram outrora na terra; seria então comum o ponto de partida dos dois cultos e poderia se definir pelo evemerismo [...] enquanto o católico canoniza seus santos, o africano ignora a canonização” já que os orixás se manifestam no corpo dos fiéis.

Dessa forma, percebe-se que essas semelhanças apontadas tanto por Fernandes (1982) quanto por Bastide (1985) estão relacionadas ao sincretismo religioso, sincretismo este que “[...] valeu como uma poderosa arma que de início os negros habitualmente manejaram contra a pressão esmagadora da cultura superior dos povos escravizadores.” (VALENTE, 1977, p.68).

Jaime Pinsky (1982) frisa que o sincretismo surge na época da escravidão, em que os africanos eram retirados das suas terras para serem escravizados no Brasil e foram obrigados a seguir uma religião que não era a sua com a justificativa de salvar sua alma, ou seja, o catolicismo foi imposto aos escravos por meio da catequese como um instrumento de evangelização, de esvaziamento do outro, uma assepsia psíquica, desnaturalizando o outro para dominar. Todavia, isso não aconteceu da maneira como os brancos desejavam, porque os negros assemelhavam os santos católicos aos seus deuses nagôs devido às características que tinham em comum, como vimos na narrativa de Dias Gomes a verossimilhança entre Santa Bárbara e Iansã, cuja proteção é contra raios e trovões durante tempestades.

Assim, o negro tinha que seguir o que lhe era imposto, principalmente pelo catolicismo, pois “O escravo não apenas *podia* ser católico: ele *tinha* que sê-lo” (PINSKY, 1982, 37). Ainda sobre o período da escravidão, Pinsky (1982, p.13) diz que “A escravidão se caracteriza pela sujeição de um homem pelo outro, de forma tão completa: que não apenas o escravo é propriedade do senhor, como sua vontade está sujeita à autoridade do dono [...]”, uma vez que o escravo era submetido a seguir algo que não fazia parte da sua vida até o momento de sua chegada às fazendas e os senhores brancos, por sua vez, tentavam e achavam que haveriam de conseguir controlar seu serviçal por meio da religião.

Corroborando com Jaime Pinsky (1982), ao salienta que o sincretismo tem surgimento no período escravista, Agnes Mariano diz que “[...] o sincretismo é a grande marca desse

período, no que diz respeito à religiosidade” em que este “(...) foi um recurso que os negros encontraram para salvaguardar suas tradições” (2009, p. 36) já que não podiam praticá-las como no seu país de origem. Dias Gomes (2011, p.16-17) ressalta que

Não podendo praticar livremente esses cultos, procuravam os escravos burlar a vigilância dos senhores brancos, fingindo cultuar santos católicos, quando, na verdade, adoravam deuses nagôs. Assim buscavam uma correspondência entre estes e aqueles [...]. Entre elas a de Santa Bárbara (Iansã na mitologia negra) [...].

Os escravizados faziam isso como forma de não perder a cultura e os costumes que trouxeram de sua terra de origem, buscando preservar, dentre eles, a religião.

Assim, Afonso Maria Ligorio Soares (2002, p. 2) diz que, ao falar do sincretismo, refere-se “[...] à consciência popular de que sua práxis religiosa sincrética é também católica”, isto é, o culto para os orixás num terreiro de candomblé assemelha-se à celebração de uma missa na igreja católica, na qual nos dois ambientes há um mediador do discurso sagrado para os fiéis, no entanto, “[...] o reducionismo de o sincretismo ser visto num arco de bipolaridades do tipo pureza *versus* mistura, separação *versus* fusão etc” (SOARES, 2002, p.4), ou seja, o catolicismo e o candomblé sendo duas doutrinas diferentes conforme o referido autor, a primeira é a pura e a segunda é a que se mistura, havendo assim uma fusão que não é bem aceita por parte de alguns.

O sincretismo como fenômeno religioso “[...] não é somente o fenômeno de sobreposição das máscaras brancas sobre as tradições africanas” e “[...] nem se identifica como o deslocamento do sagrado que acompanha a integração do negro na sociedade” (SOARES, 2002, p.14-15), mas uma forma que os negros encontraram para sobreviver num espaço desconhecido e manter vivo os seus costumes.

Para Raul Lody (1987) não houve sincretismo religioso e sim o que ele chama de “paralelismo religioso” pois, na realidade, o que aconteceu foi a transposição da semelhança das características similares dos santos católicos às divindades africanas, como fica claro na afirmação abaixo:

Opto, portanto, pelo conceito de *paralelismo* afro-católico, enquanto um conjunto de situações claras e cotidianas que segue os caminhos do orixá, ladeado por uma história de feitos e crenças relativos ao santo católico.

Jamais poderá confundir-se com outro, apesar de tudo aquilo que, materialmente, possa testemunhar o já colocado fenômeno de soma (p.52).

Na afirmação acima, Lody expõe que quando uma religião está paralela à outra quer dizer que elas andam lado a lado, em que nenhuma se sobressai mais que a outra, além de não ocorrer o tal “fenômeno de soma” que é o chamado sincretismo religioso. Congênere a Lody (1987), a autora Cléo Martins (2004), também diz que não há um sincretismo de justaposição, pois nenhuma religião precisa de outra para se legitimar, já que cada uma tem a sua legitimidade por meios dos seus dogmas e preceitos a serem seguidos pelos fiéis.

Para tanto, o sincretismo passou a ser considerado como algo negativo para os adeptos das religiões africanas, e é através do Manifesto Antissincretismo, tendo como a principal articuladora a Mãe Stella, tem por finalidade o desligamento das religiões de matriz africana do catolicismo, e está ligado ao processo de reconstrução da identidade. Além disso, “O manifesto, por conseguinte, propunha uma desconstrução epistemológica do candomblé, associados, até então, a um primitivismo cultural e que, por consequência, torna a religião sincrética e demoníaca” (SILVA, 2010, p.84).

O enredo d’*O pagador de promessas* acontece no Estado da Bahia que é “[...] carregado de datas festivas, onde procissões e civismo tradicional são inseparáveis, é espaço de pronta resposta para todos os movimentos de adoção, crítica, soma e distanciamento do binômio *deus africano — santo católico*” (LODY, 1987, p.53). É numa dessas datas festivas que na obra de Dias Gomes é perpassada, a de Santa Bárbara, que, por sua vez, tem como correspondente o orixá africano Iansã. Enquanto na igreja a missa era celebrada em comemoração ao seu dia, 4 de dezembro, ao término desta, a imagem sai conduzida pelos fiéis pelo centro histórico até o Mercado de Santa Bárbara, na Baixa dos Sapateiros, onde os adeptos do candomblé e os “filhos de Iansã” a homenageia com sua iguaria ritual, o caruru, servido ao público,

Em torno da festa católica, os santos da Igreja romana se encontram com os Orixás africanos e outras ‘divindades’ inventadas no Brasil através de seus devotos. Não são os Orixás que se encontram com os santos católicos ou vice versa, mas os devotos que se encontram com os Orixás e seus santos num mesmo sentimento religioso, num momento particular capaz de [...] misturar estilos, sons e corpos (SOUSA, 2003, p.122).

É nesse contexto em que a correspondência entre o santo católico, Santa Bárbara, e o orixá da crença baiana, Iansã, presente em *O Pagador de Promessas*, nos leva a perceber a atitude dogmática e conservadora do Padre Olavo, uma vez que “[...] o manto da igreja que tudo cobre condenou-se a ter nas figuras do africano o avesso das suas imagens” (FERNANDES, 1982, p.126).

Mesmo Dias Gomes afirmando que “[...] o que nos interessa não é o dogmatismo cristão, a intolerância religiosa – é a engrenagem social de um falso conceito de liberdade” (2011, p.17), isso é visível dentro do drama, uma vez que o dogmatismo é uma “crença que o conteúdo da fé é feito de afirmações que não podem ser alteradas”<sup>3</sup>, tendo como um grande exemplo disso a Bíblia. Além do mais, o dogmatismo “[...] é estabelecido na religião a partir do momento em que os fiéis nas escrituras sagradas reconheceram como revelação de Deus, através de diversos dogmas (...).”<sup>4</sup>, dogmas que evocam “(...) um ensinamento coercivo de uma Igreja autoritária, uma estática e estéril afirmação da verdade congelada nos manuais da dogmática eclesial” (BRAATEN e JENSON, 2002, p.63), ou seja, o dogma é um perfeito conhecimento da palavra de Deus, uma vez que há uma afirmação da verdade absoluta e indiscutível das escrituras sagradas.

Por Padre Olavo ter uma atitude dogmática, que nas palavras de Marilena Chauí (1997, p.98):

[...] é conservadora, isto é, sente receio das novidades, do inesperado, do desconhecido e de tudo que se possa desequilibrar as crenças e opiniões já constituídas. Esse conservadorismo se transforma em preconceito, isto é, em idéias preconcebidas que impedem até mesmo o contato com tudo o quanto possa pôr em perigo o já sabido, o já dito e o já feito.

A atitude dogmática pode ser ainda mais conservadora quando o conservadorismo desta “[...] pode aumentar ainda mais quando o dogmatismo estiver convencido de que várias das suas opiniões e crenças vieram de uma fonte sagrada” (CHAUÍ, 1997, p.98), dessa forma, percebemos que o Padre Olavo, ao impedir a entrada de Zé do Burro com a cruz na igreja, teve uma atitude dogmática e, conseqüentemente, conservadora.

Desse modo, percebe-se que na narrativa de Dias Gomes o dogmatismo cristão é representado pela Igreja Católica na pessoa do Padre Olavo que tem todo o conhecimento

<sup>3</sup> Essa definição foi encontrada no site [www.infoescola.com/religiao/dogmatismo](http://www.infoescola.com/religiao/dogmatismo)

<sup>4</sup> Essa afirmação foi encontrada no site [www.infoescola.com/religiao/dogmatismo](http://www.infoescola.com/religiao/dogmatismo)

religioso sustentado pelos fiéis que, além de conservar os seus dogmas desde os tempos mais remotos, vê-se ameaçada por outra religião, o candomblé, comportando-se de maneira intransigente e intolerável, apesar de saber da existência de religiões distintas do catolicismo.

De fato, “[...] a religiosidade popular professa o que não se normaliza na cultura brasileira canônica” (PARADISO, 2010, p.3), uma vez que o catolicismo é canônico, cheio de dogmas e preceitos a serem seguidos, além do clero estar acima de qualquer outra classe social, vê-se ameaçado quando o negro integra-se à sua religião fazendo correspondências os seus santos católicos e os orixás africanos.

No entanto, no candomblé, também há dogma que representa a própria fé/crença. O dogmatismo entendido como rigidez ou imposição de valores está menos posto no candomblé por dois motivos: a oralidade (adequação ao tempo) e o fato de não ter por princípio a conversão.

Em virtude da atitude do Padre Olavo, podemos classificá-lo com um ser dogmático, ou seja, ele é quem afirma uma verdade eterna e quem deseja mantê-la fora de discussão. Além disso, o comportamento do clérigo nos faz lembrar os tempos da Inquisição que “[...] foi um instrumento de uniformização religiosa” (LOPEZ, 1993, p.136), ou seja, defendia a existência de uma única religião, o catolicismo, por conta disso, havia uma valorização da Igreja, já que ela,

[...] armada de doutrina, enrijeceu suas posições para defender a dominação, e a doutrina eliminou a possibilidade de escolhas espirituais. Transformando-se em norma, a doutrina fez da escolha uma transgressão. Transgredir passou a questionar o que fora tornado imutável. Colocada acima da vontade individual, a doutrina não poderia conviver com a escolha. Contrapor-se ao dogma tornou-se questionar o poder (LOPEZ, 1993, p.23).

Diante do exposto, pode-se notar que os fiéis não tinham o direito de escolha e tinham de conviver de acordo à doutrina da Igreja e, se fossem contrários, eram considerados como hereges, desafiadores da palavra santa, uma vez considerados assim estariam condenados a pagar com a própria vida pois “Os hereges matam a alma dos homens, as autoridades matam apenas corpos” (LOPEZ, 1993, p.24). Tudo o que a Igreja fazia ou condenava por não está conforme a sua doutrina era justificado pela apropriação dos primeiros textos cristãos, uma vez que ela “[...] mantém um vínculo com a tradição, sustentada pela hierarquia e pela disciplina; atenuando o modo de exercer o controle” (LOPEZ, 1993, p.140).

Além da condenação aos hereges, a Inquisição também perseguiu aqueles que eram vistos como feiticeiros, bruxos e supersticiosos, que culminou na então chamada “caça as bruxas” e “Os inquisidores consideravam bruxaria todas as práticas que envolviam a cura através de chás ou remédios feitos de ervas ou outras substâncias”<sup>5</sup>:

Termos como *feitiçaria*, *demonolatria* e *superstição* foram meios de que se valeu a Igreja para decodificar o conjunto de crenças e práticas ancestrais que persistiam nos subterrâneos do universo medieval, tornando-se marginais na medida em que não podia incorporá-las nos novos valores dominantes (LOPEZ, 1993, p.44).

Com base nisso, nota-se que o culto aos ancestrais acontece desde a era medieval e as religiões de matriz africana também cultuam os seus ancestrais, o que as faz serem estereotipadas e vistas como feitiçaria sendo consideradas como religiões pagãs ou populares.

Quando se fala em religiosidade popular, aqui no Brasil, um país fortemente religioso, não se pode deixar de mencionar a respeito da existência de confrarias religiosas que eram formadas, sobretudo, por leigos, divididas em irmandades e outras ordens. As irmandades eram uma espécie de grupos religiosos que foram criadas para conservar a fé católica, tendo como objetivo principal “[...] congregar certo número de fiéis em torno da devoção a um santo escolhido como padroeiro” (MATTOSO, 1992, p.397), para tanto, nenhuma irmandade se misturava com a outra pois era formada por membros da mesma cor de pele ou pelo estatuto social, mas as irmandades de negros/escravos tinham “[...] um esplendor comparável ao das irmandades exclusivas de homens brancos e livres” (MATTOSO, 1992, p.397), além de admitir os alforriados.

Um outro fator perceptível a respeito das irmandades é que elas tinham como pano de fundo e de sua existência a arrecadação de recursos necessários à construção de uma igreja ou de uma capela para o santo escolhido. Assim, a Igreja sentia-se privilegiada com as irmandades, uma vez que estas representavam “[...] a garantia de que sua mensagem era ouvida”, além de ser “[...] um meio de exercer controle sobre as pessoas cuja fé nem sempre era muito antiga” (MATTOSO, 1992, p.400).

Além disso, as irmandades “[...] eram organizadas como um gesto de devoção a santos específicos, que em troca de proteção aos devotos recebiam homenagens em exuberantes

---

<sup>5</sup> Informação retirada do site: [www.suapesquisa.com/historia/inquisicao](http://www.suapesquisa.com/historia/inquisicao)

festas” às quais “[...] se adaptaram e foram também veículos de um catolicismo profundamente influenciado por práticas pagãs” (REIS, 1991, p.59), uma vez que nessas festas o sagrado e profano se misturavam:

Não há dúvida sobre o compromisso dos baianos com o catolicismo, não o de Roma certamente, mas aquele feitio mágico, impregnado de paganismo e sensualismo, adotado pelo povo e mesmo membro da elite. Um catolicismo ligado de maneira especial aos santos de devoção (REIS, 1991, p.60-61).

Durante as festividades em devoção ao santo havia uma mistura entre o sagrado e o profano que “[...] frequentemente se justapunham e às vezes se entrelaçam” (REIS, 1991, p.62), principalmente nas confrarias negras em que o sagrado estava voltado para o religioso, ou seja, as missas celebradas na igreja, e o profano para o lúdico, que seriam as comemorações com danças e batuques. Dessa forma, nota-se que as irmandades representavam para a igreja “[...] a garantia de que sua mensagem era ouvida” (MATTOSO, 1992, p.400) pelos fiéis.

Nesse sentido, percebe-se que a religião africana era considerada como pagã e a verossimilhança construída pelos africanos entre os santos católicos e os deuses nagôs como forma de manterem vivos os costumes trazidos da África, principalmente a religião, fizeram com que os não adeptos do candomblé comportassem de maneira intolerante para com quem segue este tipo de religião. Relacionando o que foi dito acima à narrativa de Dias Gomes, percebemos a presença da intolerância religiosa dentro do drama, uma vez que o Padre Olavo, membro do clero, detém o poder ao impedir que Zé do Burro pague a sua promessa ao ter em seu conhecimento que a promessa deste fora feita em um terreiro de candomblé. Mediante a isso, Dias Gomes (2011, p.16) nos apresenta uma descrição dos personagens Padre Olavo e Zé do Burro:

[...] Padre Olavo [...] não é um símbolo de intolerância religiosa, mas de intolerância universal, [...] Zé do Burro, crente do interior da Bahia, podia ter nascido em qualquer parte do mundo, muito embora o sincretismo religioso e o atraso social, que provocam o conflito ético, sejam problemas locais, façam parte de uma realidade brasileira.

Diante do exposto, nota-se que a intolerância do Padre Olavo não se encontra somente no que diz respeito à religião como um todo, mas também leva em consideração aspectos

comportamentais, entre outros fatores, portanto, é uma intolerância considerada universal. No que diz respeito ao sincretismo religioso e ao atraso social, fenômenos conflitantes que se encontram localizados principalmente no interior constituem a realidade do Brasil.

Dessa forma, nota-se que a intolerância caracteriza-se pela “[...] perseguição religiosa que consiste numa constante e permanente desqualificação da religiosidade do outro”, além disso, ela não é algo tão recente, pois “[...] quando se fala em religião, automaticamente fala-se em intolerância religiosa” (GUALBERTO, 2011, p.11). E, no Brasil, as religiões de matriz africana sofreram/sofrem perseguições e isso acontece há muito tempo, em que foram [...] duramente perseguida pelas delegacias de costumes até a década de 1960” (GUALBERTO, 2011, p.11). Diante disso, vale recordar que

[...] as religiões mediúnicas [...] sobretudo o candomblé – foram durante muito tempo vítimas de preconceitos, perseguições e ataques, muitas vezes desencadeados pelas autoridades policiais com a anuência da Igreja Católica, em razão de um discurso racista e etnocentrista construído sobre ela (ORO, 2007, p.48).

A partir dessa citação, percebe-se que a intolerância religiosa para com as religiões africanas, inclusive o candomblé, por meio de perseguições e ataques de policiais, tinha o consentimento da Igreja Católica, uma vez que esta apoiava a escravidão dos povos africanos. Por conta disso, notamos que além da intolerância religiosa há também uma intolerância etnorracial que consiste em não aceitar as “[...] diferenças identitárias individuais e coletivas, referidas às idéias de etnia, ‘raça’, ‘cor’, gênero, crenças.” (SILVA, 2009, p.17).

Assim, vê-se que a intolerância religiosa é constituída de práticas ofensivas às diferentes crenças e religiões, além de ferir a liberdade e dignidade humana. Além disso, ela consiste em não tolerar uma religião alheia, principalmente, quando se trata de religiões de matriz africana, sendo elas as mais atacadas, por serem vistas como algo diabólico e seus ritos obras do demônio, inclusive quando suas atividades são feitas em lugares públicos.

As religiões de matriz africana foram perseguidas pela Igreja Católica ao longo de quatro séculos [...]” (SILVA, 2007, p.23), uma vez que

Não é novidade no Brasil a intolerância religiosa. Não são as ‘novas religiões’ as primeiras a promovê-la. Nem têm a procedência na agressão racista aos cultos afro-brasileiros. Anteriormente, sobretudo, triste papel teve a Igreja Católica nesse quadro: durante muito tempo religião oficial,

contaminou-se de um autoritarismo que amiúde a incitou a reivindicar ferozmente o monopólio das consciências. (OLIVEIRA, 2003, p.64).

Diante disso, percebe-se que por trás deste comportamento autoritário da Igreja Católica há uma disputa por fiéis, em que não era/é do seu desejo perder nenhum crente para outra religião, principalmente a de origem africana. Além do mais, a intolerância da Igreja Católica para com as religiões afro-brasileiras existia/existe por aquela considerar estas como supersticiosas, pura magia negra e resultantes de um pacto com o diabo.

Enfim, a intolerância, seja ela religiosa ou racial, significa recusar qualquer tipo de convivência, não aceitar o que é do outro, pois está relacionada na forma de pensar, agir, uma vez que ela anda de mãos dadas com o preconceito.

#### 2.1.1.1 O PAPEL DA RELIGIÃO NA SOCIEDADE

A religião por ser uma instituição social que “[...] de uma ou outra forma exerce a sua influência nas relações sociais” (FOLLMANN, 1985, p.38), ou seja, os fiéis e/ou seguidores de uma determinada religião vivem de acordo os dogmas/preceitos impostos por ela que, por sua vez, é consolidada nos templos sagrados. Diante disso, percebe-se que a religião tem um papel fundamental na formação da sociedade, uma vez que ela ocupou por muito tempo o topo da pirâmide de uma sociedade dividida em classes e esteve sempre envolvida nas decisões dos fiéis. Nesse sentido, Otto Maduro em seu livro *Religião e Lutas de classes*, expõe que a palavra “religião” não tem um significado certo, mas que

[...] entenderemos por ‘religião’ o seguinte: uma estrutura de discursos e práticas comuns a um grupo social referente a algumas forças (personificadas ou não, múltiplas ou unificada) tidas pelos crentes como anteriores e superiores ao seu ambiente natural e social, frente às quais os crentes expressavam certa dependência (criados, governados, protegidos, ameaçados etc.) e diante das quais se consideravam obrigados a um certo comportamento em sociedade com os seus ‘semelhantes’ (1981, p.31).

Isto é, o comportamento dos crentes diante da sociedade era imposto e até hoje o é pela religião que tem o papel de orientar fiéis por meio de discursos e práticas comuns à maneira de conviver e respeitar o seu próximo. Nesse caso, notamos que os

[...] seres humanos que compartilham uma religião, qualquer religião, são pessoas que não só crêem e praticam sua religião [...] que não só compartilham suas crenças e ritos, mas também [...] uma maneira de comunicar entre si [...]. Em outras palavras, os seres humanos que compartilham uma religião, qualquer que seja, compartilham-na ao mesmo tempo que compartilham uma vida coletiva [...] com as múltiplas dimensões imbricadas, ligadas, relacionadas entre si (MADURO, 1981, p.70-71).

Diante disso, percebemos que os seres humanos, ao mesmo tempo que compartilham uma religião, seja ela qual for, compartilham uma vida coletiva, ou seja, todos seguem a mesma doutrina, uma vez que “[...] uma religião, qualquer que seja, só existe na medida que encontre *situada* num contexto social particular” (MADURO, 1981, p.70-71), isto é, uma religião só existe porque os seres humanos creem nela. Congênere a Otto Maduro (1981), Cândido Procópio Ferreira de Camargo (1971, p.9) afirma que “Tôda vida social é permeada por valores religiosos, inclusive as atividades ligadas ao lazer e à diversão”, além disso, o próprio autor frisa que toda religião é uma representação compartilhada.

Como foi dito anteriormente, que a religião é consolidada nos templos sagrados, o catolicismo nos templos católicos, ou seja, na igreja, e o candomblé nos terreiros, sendo a última uma prática religiosa que tem por princípio o culto aos ancestrais e as divindades chamadas orixás que representam a natureza (água, terra, vento, fogo, trovão, rios, cascatas, florestas etc.). Ao falar em igreja, José Ivo Follmann (1985, p.40) afirma que a entendemos como:

[...] todo sistema religioso que, por outro lado, está consolidado de uma tradição de várias gerações num corpo centralizado de crenças e práticas determinadas e numa organização hierarquicamente de poder, e que constitui-se, por outro lado, por grande heterogeneidade de membros considerados como tal a partir do Batismo, com os mais diversos graus de adesão pessoal e com as mais diversas proveniências e identificações econômicas, políticas e culturais.

Assim, notamos que a Igreja, responsável pela transmissão da mensagem do Cristianismo, é composta por fiéis que ocupam diferentes classes sociais, mas que se igualam diante da fé, além disso, caracteriza-se como instituição conservadora na qual há “(...) lentidão em aceitar novos ditames econômicos, políticos e culturais que se elaboraram com o surgimento do capitalismo” (FOLLMANN, 1985, p.47). Na época do feudalismo, a

aristocracia feudal estava por trás das decisões da Igreja e, aqui no Brasil, seu percurso histórico não tem tanta diferença, uma vez que ela foi uma grande parceira das classes dominantes e defensora dos interesses destas, sendo que “A Igreja no Brasil, ao longo de toda história, foi sempre nitidamente uma grande parceira das classes dominantes” (FOLLMANN, 1985, p.67) e as classes dominadas ficavam submetidas às decisões tanto da Igreja quanto das classes dominantes.

Além do mais, “[...] o catolicismo trazido para o Brasil pelos portugueses, que nesse momento já não era uma religião ‘pura’. O contanto com os africanos e com os muçulmanos certamente influenciou as práticas portuguesas” (NAMAN, 2009, p.7), isto é, a pureza do catolicismo deixa de existir a partir do momento que entra em contato com outras religiões.

Assim, também, faz-se necessário falar um pouco sobre a religião africana, o candomblé, que, como caracteriza Lody (1987, p.8) “[...] significa culto e oração. Além disso,

[...] a religião candomblé é um processo em que não se encontra em livros sagrados que orientem sobre as liturgias, os códigos morais, a organização de poder, entre outros princípios, tudo é regido pela palavra; a tradição oral é aquela eficaz maneira, solução secular de guardar e de adequação aos diferentes momentos históricos (LODY, 1987, p.74-75).

Diferentemente do catolicismo, que tem sua liturgia registrada nos livros sagrados, a religião Candomblé é transmitida por meio da oralidade que passa de geração a geração adequando-se ao momento histórico vivenciado por seus adeptos, em que, de uma forma ou de outra, busca preservar suas tradições. Tradições estas que nos candomblés baianos, “[...] os mais ortodoxos e respeitados com seguidores de modelos rigorosos de culto e preservação dos deuses africanos” (LODY, 1987, p.49) é mantida com vigor, além do que o modelo baiano, como afirma Raul Lody (1987, p.78) “[...] é uma espécie de autenticação de um patrimônio afro-brasileiro e o mais próximo das matrizes africanas” e a religião candomblecista desenvolveu-se por quase todo o território brasileiro, porém, foi na Bahia que as suas matrizes africanas foram preservadas e mantidas com mais ênfase. Como qualquer outra, a religião Candomblé também tem um papel na sociedade, já que ela

[...] polariza não apenas a vida religiosa, mas também a vida social, a hierárquica, a ética, a moral, a tradição verbal, o lúdico e tudo, enfim, que o espaço de defesa conseguiu manter e preservar da cultura do homem africano no Brasil (LODY, 1987, p.78).

Por esse pressuposto, notamos que, assim como na Igreja Católica, o Candomblé também está envolvido nas decisões de seus seguidores, pois os orienta tanto nas suas escolhas quanto no respeito ao seu semelhante e à natureza, sendo que “[...] trata diretamente da educação, zela por educar o lado espiritual, ensinar o cuidado com o corpo e com o espírito, ensinar o respeito com os mais velhos” (OLIVEIRA, 2003, p.48). A educação, no candomblé, está voltada para crianças e jovens para que possam dar continuidade à tradição africana que permeia dentro dos terreiros.

#### 2.1.1.1.1 CANDOMBLÉ: RELIGIÃO DOS ORIXÁS

“O terreiro de Candomblé é uma síntese, uma ressemantização criativa dos símbolos (...), da tradição social e familiar africana” (DIAS DE OLIVEIRA, 2010, p.21).

O livro *Lineamentos da Religião dos Orixás: Memórias da Ternura*, da autora Cléo Martins, reúne várias crônicas relacionadas à religião dos Orixás que “Nos primórdios, nossa religião era africana, trazida por vários povos escravizados, de diferentes localidades da África” (MARTINS, 2004, p.14) e quando é dito “nossa religião era africana” refere-se à religião dos Orixás, ou candomblé, que teve o seu desenvolvimento por meio da integração do diferente, ou seja, a junção de diversos povos com diversos costumes cuja “[...] fé sustentava e unia a todos nas horas de amargura” (MARTINS, 2004, p.14), uma vez que Cléo Martins (2004, p. 15) caracteriza o candomblé com uma “[...] religião alegre, apesar da inibição herdada dos nossos antepassados”, inibição esta que está voltada para a tentativa de “[...] tirar a identidade do negro, impondo-lhe outra religião, outro nome, outros valores” (MARTINS, 2004, p.15) sendo que isso era imposto aos escravizados pelos senhores brancos, já que consideravam aqueles com seres selvagens que deveriam ser domesticados.

O candomblé, ou religião dos Orixás, é uma religião ecológica que defende a natureza. E como a natureza relaciona-se à vida, pode-se comparar o nosso corpo a um templo, “[...] pois nele existe uma partícula de cada elemento da Natureza”, sendo a água, “[...] que está na formação do sangue, lágrimas e demais secreções”; o vegetal, que protege o solo, comparado

aos nossos cabelos que “[...] protegem o nosso couro cabeludo”; o mineral, que são os nossos ossos e dentes; por fim a terra, que é a nossa “[...] massa corporal” (MARTINS, 2004, p.15). Diante disso, percebe-se que, da mesma forma com a qual que cuidamos do nosso corpo, devemos cuidar e proteger a natureza, ressaltando que na religião dos Orixás nada é retirado da natureza sem permissão.

Sendo assim, nota-se que o candomblé ou religião dos Orixás “[...] não é uma questão de opinião” e sim “[...] uma realidade religiosa que só pode ser realizada dentro de uma pureza de propósitos e rituais” (MARTINS, 2004, p.17), uma vez que sua liturgia não é de fácil entendimento, o que a torna mais complexa. Além disso, essa religião é classificada como religião dos ancestrais, em que

A religião dos Orixás nascida na diáspora africana, conhecida como candomblé, é necessariamente comunitária. Valoriza a chamada família-de-santo: o conjunto de religiosos do mesmo Axé, que tem como referência a ancestralidade espiritual (MARTINS, 2004, p.19).

Ou seja, ela está voltada para os conhecimentos dos nossos antepassados que são ensinados por meio da transmissão de lendas e de valores espirituais através da tradição oral. E a ancestralidade, cultuada pelos adeptos do candomblé, consiste na continuidade da vida, que preserva a tradição e “[...] circula no imaginário profundo, em tempos e espaços diversos” (DIAS DE OLIVEIRA, 2010, p.15) e os ancestrais são “[...] personagens do mundo dos vivos que por suas ações guerreiras, por suas ações relevantes em função da sobrevivência da sua comunidade, se tornaram notáveis, foram divinizados e elevados à categoria de ancestrais” (DIAS DE OLIVEIRA, 2010, p.17). Ancestrais que são tidos como protetores do grupo e “[...] responsabilizam os mais velhos do grupo pelas tarefas de poder pela manutenção social” (DIAS DE OLIVEIRA, 2010, p.18), e

É através da crença em seus antepassados que os afrodescendentes buscam a restituição da dignidade e da cidadania. Tais dimensões negadas pela sociedade ocidental, foram preservadas pela comunidade religiosa através da crença em seus ancestrais (DIAS DE OLIVEIRA, 2010, p.20-21).

Essa crença nos antepassados, que determina o modo de sentir, viver e agir no candomblé “[...] se aprende sobre a origem do mundo e da vida, ao mesmo tempo em que são estabelecidos vínculos entre seres humanos no mundo e instauradas relações socioculturais

específicas.” (DIAS, 2010, p.24). Por conta disso, o candomblé é tido como uma religião ética, por ensinar o respeito para com o próximo; lúdica, pelas danças; e litúrgica, por ter “(...) uma liturgia apurada e extremamente artística.”, em que “As celebrações em homenagem aos Orixás têm um caráter de comunhão contemplativa” (MARTINS, 2004, p.27), além de celebrar a vida.

A religião dos Orixás, há pouco mais de setenta anos, era classificada “[...] como seita fetichista e animista criada pela superstição de gente primitiva e crédula” (MARTINS, 2004, p.21), gente primitiva, neste caso, seria os africanos que eram tidos como supersticiosos e acreditavam em vários deuses, não sabendo que esta religião teve contribuição para a formação de uma identidade brasileira, além de não necessitar “[...] de se atrelar a outra como garantia de legitimidade” (MARTINS, 2004, p.28), isto é, o candomblé não precisa de outra religião para legitimar-se.

### 3 OBSTINAÇÃO E INTOLERÂNCIA: FÉ E DOGMATISMO CRISTÃO

“(...) o brasileiro é marcadamente religioso e isso reflete em sua vida cotidiana, na capacidade de expressão de múltiplas formas de fé religiosa, de modo que suas condutas constituem parte fundamental do *ethos* da cultura brasileira” (ANDRADE, 2009, p.108).

O drama *O Pagador de Promessas*, conta a história de Zé do Burro, um homem simples do interior que se desloca da aldeia em que mora<sup>6</sup> carregando uma cruz pesada de madeira nos ombros para pagar uma promessa feita a Santa Bárbara, realizada em um terreiro de Candomblé, diante da imagem da imagem do orixá Iansã que reúne atributos semelhantes ao da Santa Católica. Esta, deusa dos ventos, dos raios e das tempestades. Por proceder à realização da promessa em um ambiente religioso diferente do católico, Zé do Burro foi impedido de cumpri-la pelo Padre Olavo, vigário da paróquia. Dessa forma, com a atitude do vigário, é perceptível que o sincretismo já está posto no drama, o que pode-se observar em elementos da narrativa como a imagem de Santa Bárbara, no terreiro, a associação do fenômeno da natureza à santa e a Iansã e o nome da mãe de santo.

A peregrinação de Zé do Burro às várias possibilidades de cura revela uma prática comum ao brasileiro. As escolhas de Zé (cruz, santa Bárbara, promessa, igreja) revelam o predomínio da Igreja católica como instituição religiosa, como melhor lugar (poder).

Antes de fazer a promessa a Santa Bárbara<sup>7</sup>, protetora contra raios e tempestades, Zé do Burro fez de tudo para salvar a vida do seu melhor amigo, ao qual nutre muito apreço, um burro cujo nome é Nicolau, que fora atingido por um galho de uma árvore numa noite de tempestade. Para tanto, utiliza medicina caseira, a bosta de vaca, para estancar o sangue do

<sup>6</sup> Termo usado pelo autor na obra *O Pagador de Promessas* para referir-se ao lugar que Zé do Burro morava, situado no interior da Bahia.

<sup>7</sup> A devoção à Santa Bárbara começou logo após a sua morte, pois o carrasco que cortou a sua cabeça fora morto, na hora, por um raio. Ela é, por isto, invocada contra raios, fogo e tempestades. Viveu no IV século, e é uma mártir lendária e muito popular. A tradição diz que ela era filha de Diocorus, um oficial do Imperador Maximiano (que reinou de 286 a 305). Quando este descobriu que ela havia se convertido ao cristianismo, prendeu-a numa torre. Diocorus, então, denunciou-a às autoridades romanas que a torturaram para que ela renunciasse a sua fé. Quando ela permaneceu leal a sua fé, seu próprio pai, levou-a para o topo de uma montanha, para ser executada. Na hora em que foi decapitada, seu carrasco foi fulminado por um raio. (PARADISO, 2010, p.5)

burro e procura atendimento médico, bem como o Preto Zeferino, um rezador<sup>8</sup> afamado da região, para rezar o animal.

Podemos perceber que Zé do Burro procurou todos os meios possíveis para salvar a vida de Nicolau, mas, vendo que os seus esforços não surtiram efeito, procurou o candomblé de Maria Iansã, religião de matriz africana que valoriza e preserva a cultura do homem africano (LODY, 1987), como lhe foi sugerido por sua comadre Miúda. Religião esta que cultua os orixás que, por sua vez “[...] são deuses no sentido pleno, zelosos dos seus domínios, e relacionam-se por um intrincado de alianças e rupturas” (FERNANDES, 1982, p.138).

Ao chegar ao terreiro, Zé do Burro contou o ocorrido à mãe de santo<sup>9</sup> que lhe dissera que “[...] era mesmo com Iansã<sup>10</sup>, dona dos raios e das trovoadas” (GOMES, 2011, p.64), por conta que Nicolau tinha sido ferido por um galho de árvore durante uma tempestade e que ele teria de fazer uma obrigação.

O termo obrigação, no terreiro, está relacionado a oferendas, que são

[...] os rituais compostos de frutas, alimentos, carnes, bebidas, flores, louças e adereços que servem para oferecer aos Orixás, como uma súplica para se alcançar uma graça, bem como para homenagear e cultuar um Orixá, de forma a fortalecer o nosso vínculo com o mesmo. Cada Orixá tem os seus respectivos alimentos, as suas flores, as suas cores, as suas bebidas e a sua forma particular de culto, orações e invocações.<sup>11</sup>

E sacrifícios, que envolve a matanças de animais. Todavia, Maus (1981, p.149-150) afirma que “[...] deve-se chamar de sacrifício toda a oblação, mesmo vegetal, todas as vezes em que a oferenda ou que uma parte da oferenda, é destruída, embora o uso pareça reservar o termo sacrifício somente a designação dos sacrifícios sangrentos”. Mas, como Zé do Burro não sabia do que se tratava o termo obrigação, interpretou que esta era uma promessa grande e, para não ficar em dívidas com a santa, a partir de suas crenças formulou uma ideia e

<sup>8</sup> É uma pessoa que usa “(...) métodos menos dramáticos para aliviar os males de seus clientes (...). Na maioria das vezes, utilizam rezas como o Pai Nosso ou as Ave Marias, dentre outras orações católicas, aplicando banhos de soluções feitas com plantas nativas ou aspergindo esse líquido com pequenos ramos.” (BARROSO, s/d, p.1).

<sup>9</sup> “(...) designação popular dada à Ialorixá, chefe do terreiro, sacerdotisa suprema do terreiro de candomblé.” (FERREIRA, 2013, p.3).

<sup>10</sup> Uma divindade guerreira, ela é “(...) quem governa o vento, as tempestades e a sensualidade feminina, também é a senhora do raio e soberana dos espíritos dos mortos, pois é somente ela quem os direciona para o outro mundo. Iansã é uma mulher sedutora, charmosa, uma mãe protetora, uma mulher apaixonada.” (FERREIRA, 2013, p.10).

<sup>11</sup> Informação retirada do site: <http://ocandomble.wordpress.com/2008/08/24/ebos-e-oferendas-para-os-orixas/>.

resolveu segui-la com o intuito de agradecer pela cura de seu animal. Prometeu que, caso o animal fosse curado, ele iria dividir suas terras com os lavradores mais pobres e carregar uma cruz de madeira muito pesada nos ombros até a Igreja de Santa Bárbara, no dia de seu festejo, 4 de dezembro, na capital.

Para agradecer a Santa Bárbara, Zé do Burro caminha sete léguas carregando uma cruz pesada de madeira até a igreja a fim de depositá-la no altar-mor aos pés da santa católica, mas, quando lá chegou, ainda de madrugada, encontrou a igreja fechada e decide esperar que o dia amanheça e ele possa cumprir sua promessa e regressar para sua casa. Mas o que ele pretendia não aconteceu, pois foi impedido pelo Padre Olavo, quando narra os fatos ao clérigo, uma vez que este não aceita o comportamento de Zé, e muito menos dele ter feito uma promessa para salvar a vida de um quadrúpede ainda com o nome cristão, afirmando que havia procurado coisas do diabo e estava sendo tentado por ele, submetendo-se a uma tentação maior, que é de se “igualar ao Filho de Deus” (GOMES, 2011, p.68). Essa ação de passar pelo mesmo sacrifício, denota a crença de Zé do Burro em conseguir a graça pela mesma maneira que Jesus Cristo passou ao carregar a cruz por um longo caminho.

Diante disso, o Padre Olavo pergunta a Zé, se ele “Não vai pretender ser olhado como um novo Cristo?” (GOMES, 2011, p.67), já que repetiu a *via crucis*, o caminho da cruz, sofrendo o martírio de Jesus e, mesmo Zé respondendo ao padre que não queria imitar o filho de Deus, o sacerdote afirma: “Mentira! Eu gravei suas palavras! Você mesmo disse que prometeu carregar uma cruz tão pesada quanto a de Cristo” (GOMES, 2011, p.67). A atitude deste personagem em carregar a cruz nos ombros remete-nos ao ato de autoflagelar-se, ou seja, o ato de castigar fisicamente a si mesmo, isso é perceptível quando Zé despe uma das mangas do paletó e percebe que está em carne viva.

A reação adversa à atitude de Zé, feita pelo padre, decorre, principalmente, da promessa feita a um animal, pois, até então, o padre nada se opôs ao relacionar o nome Nicolau a um ser humano. Desse modo, denota-se a forte presença do dogma religioso com o qual a igreja católica “[...] persegue o objetivo de reafirmação da fé” (BRAKEMEIER, 2010, p.6). Assim, a punição de Zé do Burro é utilizada como demonstração das leis católicas, atitude que servia como exemplo aos demais fiéis.

Para tanto, o conflito entre a obstinação de Zé do Burro em pagar a promessa e a intolerância religiosa do Padre Olavo aumenta quando o pagador de promessas faz

comparação entre a santa católica e um orixá africano, afirmando que no terreiro tinha uma imagem de Iansã, que é Santa Bárbara. Nesse momento, o clérigo começa a se descontrolar e aumenta o tom de voz para com Zé, dizendo que elas não eram iguais e que a promessa fora feita a uma divindade africana e não a santa católica. Para tanto, Zé estava convicto do que estava afirmando, fazendo assim, a assimilação entre elas, pois,

No âmbito sincrético, a mitologia de Iansã é usualmente associada à Santa Bárbara, divindade católica que foi morta pelo pai ao se converter ao cristianismo. Após a execução de Bárbara, um raio atingiu a cabeça de seu progenitor. Pela razão do óbito, muitos equiparam a santidade católica ao poder que Oyá tem de controlar os ventos e raios. Além disso, o fato de Santa Bárbara ser representada com uma espada nas mãos reforça ainda mais a aproximação junto à divindade afro.<sup>12</sup>

Como a verossimilhança entre santos católicos e orixás africanos está relacionada ao que é chamado de sincretismo religioso, que tem por definição a “Fusão de cultos religiosos ou de elementos culturais diferentes com acomodação entre seus elementos”<sup>13</sup>, no entanto, aqui no Brasil, segundo Lody (1978) não houve este fenômeno, mas sim o paralelismo religioso, pois os africanos não fundiram a sua religião com uma outra (catolicismo), mas sim assemelharam as divindades católicas aos seus deuses nagôs, como maneira de não perder os seus costumes trazidos da África, principalmente, a religião, considerada como pagã.

E como Zé do Burro fez a sua promessa num terreiro, o sacerdote afirma que “(...) nesta igreja, não entrará com essa cruz!” e que “Um ritual pagão, que começou num terreiro de candomblé, não pode terminar na nave de uma igreja!” (GOMES, 2011, p.69), ele diz isto porque a “*Sua convicção religiosa aproxima-se do fanatismo*” (GOMES, 2011, p.56), ou seja, ele defende o catolicismo, com base em seus conhecimentos dogmáticos e em sua leitura da Bíblia Sagrada, enfatizando que a casa de Deus é a igreja e o candomblé, a morada do Diabo. Essa postura do clérigo em impedir a entrada de Zé é tomada pela intolerância religiosa<sup>14</sup>, que é provocada pela hostilidade resultante

[...] de posturas com caráter fundamentalista, tornando-se um padrão adotado nos mais diferentes campos religiosos, que se manifesta através da busca de

<sup>12</sup> Informação retirada do site: <http://www.brasilecola.com/religiao/iansa.htm>.

<sup>13</sup> Definição retirada do site: <http://www.aulete.com.br/sincretismo>.

<sup>14</sup> É “(...) a expressão de uma vontade de assegurar a coesão daquilo que é considerado como saído de Si, idêntico a Si, que destrói tudo o que se opõe a essa proeminência absoluta. (...) Ela serve aos interesses dos que julgam ameaçados” (HÉRITIER, 1998, apud ALMEIDA, 2007, P.171).

pureza e fidelidade absoluta a princípios fechados ou dogmas que colocam o fundamentalismo no centro, como uma força geradora de conflitos religiosos e até guerras (ANDRADE, 2009, p.110).

Desse modo, percebe-se que a intolerância religiosa é um fator que provoca conflitos entre seguidores de religiões distintas. O Padre Olavo, um ser dogmático, não admite e nem aceita que Zé do Burro tenha se desviado dos caminhos da igreja ao procurar um terreiro de candomblé para fazer uma promessa. Para impedir que Zé do Burro cumpra sua promessa, o sacerdote ordena ao Sacristão que feche a porta da igreja e, quem desejasse assistir à missa, que entrasse pela sacristia, uma vez que por lá não dava para ele entrar com a cruz.

No entanto, a intolerância religiosa não parte somente do sacerdote, mas, também, da Beata, que olha para Zé do Burro como se estivesse acusando-o de algo terrível e o chama de herege. Se essa acusação fosse feita no período da Santa Inquisição, Zé do Burro seria julgado e condenado pela Igreja Católica à morte por ter feito uma promessa em um terreiro de candomblé, uma vez que seu comportamento não se enquadra aos dogmas da igreja. A saber, a Inquisição “[...] surgiu para combater a heresia enquanto ameaça à dominação vigente, [...] ela nasceu para enfrentar ‘os perigos que ameaçavam a Igreja’ e para extirpar um mal (...)” (LOPEZ, 1993, p.15-16).

A presença de Zé do Burro em frente à igreja e todo o conflito gerado em torno da sua obstinação e da intolerância do Padre Olavo fez com que isso chegasse aos conhecimentos do monsenhor Arcebispo que, por sua vez, recomendou ao eclesiástico Otaviano que fosse à Igreja de Santa Bárbara com o objetivo de resolver a situação. O Monsenhor adentra ao templo sagrado juntamente com o padre e outros seminaristas e fecha a porta.

Com a chegada do Monsenhor, Zé do Burro fica esperançoso, pois via na figura deste sacerdote a oportunidade de cumprir sua promessa. Todavia, quando se abre a porta da igreja, essa esperança desaparece, principalmente, quando o Monsenhor sai e diz:

Venho aqui a pedido do Monsenhor Arcebispo. S. Exa. está muito preocupado com o vulto que está tomando este incidente e incumbiu-me, pessoalmente, de resolver a questão. A fim de dar uma prova de tolerância da Igreja para com aqueles que desviam dos cânones sagrados... (GOMES, 2011, p.125)

Nesta passagem, Monsenhor Otaviano afirma que veio resolver a questão e mostrar que a Igreja Católica é tolerante com aqueles que desviam-se dos caminhos de Deus. Mas

onde está essa tolerância da igreja? Como o Padre Olavo, representante do catolicismo, é um ser tolerante e ordena ao Sacristão que feche a porta da Igreja? Essas são perguntas que levamos a refletir sobre a ação do clero, uma vez que não vemos isso na figura do Padre Olavo, pois a ação de Zé do Burro desafia a pureza do católico.

Ser tolerante, para Padre Olavo e Monsenhor Otaviano, é dar oportunidade a alguém para renegar o que praticou por inspiração do diabo e voltar ao “seio da Santa Madre Igreja” (GOMES, 2011, p. 126). Conforme o seguinte diálogo:

MONSENHOR: Abjure a promessa que fez, reconheça que foi feita ao Demônio, atire fora essa cruz e venha, sozinho, pedir perdão a Deus.

ZÉ: (*Cai num terrível conflito de consciência.*) O senhor acha mesmo que eu devia fazer isso?!

MONSENHOR: É a única maneira de salvar-se. A Igreja Católica concede a nós, sacerdotes, o direito de trocar uma promessa por outra.

[...]

ZÉ: (*Angustiado*) [...] se eu faça isso, estou faltando à minha promessa. Seja Iansã, seja Santa Bárbara, estou faltando...

MONSENHOR: Com a autoridade de que estou investido, eu o liberto dessa promessa, já disse. Venha fazer outra.

PADRE: Monsenhor está dando uma prova de tolerância cristã. Resta agora você escolher entre a tolerância da Igreja e a sua própria intransigência.

ZÉ: (*Pausa*) O senhor me liberta... mas não foi ao senhor que fiz a promessa, foi a Santa Bárbara. E quem me garante que como castigo, quando eu voltar para minha roça, não vou encontrar o meu burro morto.

MONSENHOR: Decida! Renega ou não renega? (GOMES, 2011, p.126-127).

Diante do exposto, nota-se que o eclesiástico diz a Zé que pode salvá-lo, caso renegue à sua promessa e peça perdão a Deus pelo seu ato, uma vez que lhe é concedido o “direito de trocar uma promessa por outra” (GOMES, 2011, p. 126). Neste sentido, França (2012) ressalta que a igreja católica, e somente ela, dispõe dos meios da salvação, ou seja, que seus fiéis precisam dar retorno de sua crença para a purificação da alma. Como Zé do Burro se comportou controverso aos padrões católicos, ele teme pelo castigo de Santa Bárbara em tirar a vida do seu animal, assim como também teme em renegar sua promessa.

O ato de Monsenhor ao sair da situação sem um parecer conclusivo não está relacionado à incapacidade do clérigo ao dizer: “Nada mais posso fazer então” (GOMES, 2011, p.127), entende-se que essa ênfase faz referência à situação de Zé do Burro, um homem de incertezas, que não sabe qual via tomar, condição que o levava ao desespero. Diante da situação em que se encontrava Zé do Burro, o faz correr em direção ao Monsenhor para tentar explicar mais uma vez, porém, não é ouvido.

Em contrapartida, Padre Olavo lança sua arrogância: “Que ninguém agora nos acuse de intolerantes. E que todos se lembrem das palavras de Jesus: ‘Porque seguirão falsos Cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam a muitos’” (GOMES, 2011, p.128). Nesta passagem, o sacerdote refere-se à oportunidade que dera à Zé do Burro de renunciar o que praticou por inspiração do diabo, mas a jogou fora com a sua intransigência<sup>15</sup>. Quanto ao uso das palavras do Senhor, sobre o aparecimento de falsos Cristos e falsos profetas, fazendo alusão à atuação dos fiéis ao seguir Zé do Burro pelo caminho da promessa, sem ao menos saberem que estavam acompanhando o Satanás.

A história de Zé do Burro desperta a atenção de diversas pessoas que tentam ajudá-lo, não com boas intenções, mas por interesses próprios. Dedé Cospe-Rima, um dos antagonistas dessa peça, deseja escrever o ABC contando a história de Zé a partir do conflito com o clérigo, na intenção de que seus versos contribuíssem para a decisão do sacerdote em abrir a porta da igreja, deixando-lhe pagar a promessa. No entanto, não tem o consentimento de Zé do Burro para produzi-lo.

O repórter, um homem sensacionalista, quer ter total exclusividade diante do caso de Zé do Burro, para tanto, as falas do pagador de promessas são distorcidas, colocando-o a favor dos sem-terra e da reforma agrária, por ter redistribuído suas terras com os lavradores mais pobres, todavia, seu interesse não é quanto ao drama do protagonista, mas sim na repercussão que trará para o jornal no qual trabalha.

No entanto, os seguidores do candomblé apoiam Zé do Burro por entenderem sua situação, pois, também, são impedidos de entrarem na igreja pela intolerância do Padre Olavo. A posição do eclesiástico é de não tolerar que os adeptos de outra religião sincretizem os santos católicos com as divindades da crença popular. Neste sentido, a ideia da existência do sincretismo é maior do que a do paralelismo, defendida por Lody (1987), uma vez que, ao contrário do que traz o autor, a religião católica se sobressai mais que a outra e, sob a denominação de religião pura, tem o domínio de interferir socialmente, inclusive sob o status de poder na sociedade, como no exemplo trazido pelo drama em que a polícia é acionada para sanar o problema.

Minha Tia, pela descrição de Dias Gomes, “uma preta com trajes típicos, com tabuleiro na cabeça” (2011, p.72), é uma representante da religião afro-brasileira e filha de

---

<sup>15</sup> O termo intransigente é usado pelo Padre Olavo para denominar Zé do Burro por causa da sua obstinação em pagar a promessa.

Iansã, que se comove com Zé do Burro e quer ajudá-lo numa atitude de cumplicidade, tentando convencê-lo em pagar sua promessa num terreiro de candomblé:

MINHA TIA: [...] Meu filho, eu sou “ekédi” no candomblé da Menininha. Mas logo o terreiro está em festa. Você fez a obrigação pra Iansã, Iansã está lá pra receber!

ZÉ: *(Ele não entende)* Como?...

MINHA TIA: Eu levo você lá! Você leva a cruz e a santa recebe! Você fica em paz com ela!

ZÉ: Iansã...

MINHA TIA: Foi lhe quem lhe atendeu!

ZÉ: Mas a igreja...

MINHA TIA: Mande o padre pro inferno! Leve a cruz no terreiro! Eu vou com você!

ZÉ: *(Hesita um pouco e por fim reage com veemência)* Não, não foi num terreiro que disse que ia levar a cruz, foi numa igreja de Santa Bárbara.

MINHA TIA: Santa Bárbara é Iansã. E Iansã está lá! Vai baixa nos cavalos! Vamos!

ZÉ: Não. Não é a mesma. Não é a mesma coisa (GOMES, 2011, p.99-100).

Mesmo a Minha Tia dizendo que pode ajudar Zé do Burro a pagar sua promessa levando-o no terreiro da Menininha, já que foi Iansã que lhe havia atendido, ele hesita afirmando que não prometeu levar a cruz para a igreja e não num terreiro. E, quando Minha Tia diz a Zé que ela é uma “ekédi” no candomblé, ela quer dizer que possui um cargo dentro do terreiro, que tem como papel

O cuidado com as vestes, o cuidado quando o Orixá se manifesta, de estar amparando, de estar guiando para ele poder se manifestar (nem sei como é mesmo que eu falo), nos dias de rituais de determinado Orixá, cuidar do assentamento daquele Orixá, tá guiando. É o nosso papel! É o nosso papel. É o meu papel, sabe! O papel de Ekedi, o papel de mãe cuidadora, zeladora (Relato da ekédi Érica apud SANTOS, 2011, p.11).

Isto é, uma ekédi é uma mãe zeladora dos orixás, que cuida de tudo que se refere a eles, e esse cargo é designado a uma pessoa pela mãe de santo, e a ela são atribuídos os atabaques, os sacrifícios de animais, a guarda de elementos espirituais do culto, colheitas de ervas, responsabilidade pela cozinha do santo, auxílio imediato ao Babalorixá e Yalorixá (SANTOS, 2011).

Além de Minha Tia, tem-se também o Mestre Coca, um capoeirista seguidor do candomblé, que fica sensibilizado com a história de Zé do Burro ao não achar certo que o

padre, num ato de hostilidade, impeça sua entrada na igreja. Todavia, essa sensibilidade de Mestre Coca não faz com que deixe de apostar com Galego, o dono da vendola, e Dedé, a entrada ou não de Zé no templo.

Dessa forma, nota-se que Zé do Burro teve várias oportunidades para pagar a promessa, mas recusou a todas, numa convicção que deveria seguir conforme havia prometido à Santa Bárbara. Sua obstinação em pagar a promessa é imensa, pois, mesmo sendo barrado pelo clérigo, resolve lutar para cumpri-la e não se afasta da frente da igreja, zelando por sua honra e dignidade.

Porém, essas virtudes são deixadas de lado quando age subitamente fora de si, “Por Santa Bárbara ou pelo Satanás, vou colocar esta cruz dentro da igreja, custe o que custar!” (GOMES, 2011, p.128). Nesse momento, percebe-se que o personagem comporta-se de maneira oposta à sua índole de homem bondoso e tolerante, como é descrito por Dias Gomes (2011, p.21). Além disso, Zé do Burro tem a convicção que não pode ficar em dívida com santo, comparando-o como um gringo, “[...] passou o calote num, todos os outros ficam sabend.” (GOMES, 2011, p.23), temendo que da próxima vez não seja ouvido.

A ação de Zé do Burro em erguer a cruz e sair em direção à igreja com a intenção de colocá-la lá dentro faz com que Padre Olavo chame o guarda para prendê-lo. Alarmado, o padre, seguido pelo Sacristão, corre para o templo cerrando a porta, entretanto, isso não impede que Zé do Burro suba os degraus e atire a cruz contra a porta. Com a chegada da polícia, Zé é aconselhado por Mestre Coca e Dedé Cospe-Rima a fugir, mas resiste afirmando que não era nenhum criminoso e que estava com a consciência tranquila.

Por ser um homem do campo e simples, Zé não consegue entender o que está acontecendo e não é compreendido pelas pessoas que estão ao seu redor, uma vez que tinha em sua consciência de que não havia cometido algo tão grave do que estavam lhe acusando. Além disso, em nenhum momento ele cogitou desistir de seu objetivo, o de pagar a promessa, e isso lhe custou a vida, tendo sempre em mente sua fé e devoção a Santa Bárbara. Assim, a promessa de Zé do Burro foi cumprida, para tanto, com ele morto em cima da cruz cortejado por Mestre Coca e os capoeiristas seguidos de Rosa (esposa de Zé do Burro), Galego (dono do bar) e Dedé (poeta).

Diante disso, percebe-se que o enfoque principal de Dias Gomes ao escrever *O Pagador de Promessas* não foi a questão religiosa, mas sua presença dentro do drama é muito forte, vez que em torno dela há um conflito. De um lado temos o Padre Olavo, representante

da Igreja Católica e defensor dos dogmas aos quais seguem e que fundamentam a doutrina da igreja romana, que não aceita a atitude de Zé do Burro em ter feito a promessa a Santa Bárbara num terreiro de candomblé para salvar a vida de um burro que ainda tinha um nome cristão, comportando-se de maneira intransigente e intolerável ao impedir que Zé pagasse a sua promessa, ordenando que se fechasse a porta da igreja.

Do outro lado, temos Zé do Burro – um homem simples, ingênuo e obstinado –, que só desejava pagar a promessa feita à santa católica, por vezes sua falta de comunicação é entendida como uma ação involuntária em que não pensa estar ferindo ou agredindo qualquer entidade religiosa, já que seu objetivo era o mesmo, assegurar numa fé, seja ela católica ou não, que o ajudasse com a cura de seu animal.

A atitude de Zé do burro em procurar outra religião, diferente da de seu batismo, o faz presumir que seja dotado de tal liberdade, na passagem em que diz: “Se bem não faz mal não fazia” (GOMES, 2011, p.64). Porém, essa liberdade é anulada a partir do momento em que a igreja legisla suas leis, ou seja, intervêm nas decisões de seus fiéis segundo dogmas do catolicismo. Assim, Zé do Burro estava, na verdade, sob um falso conceito de liberdade que se encontra introjetada na engrenagem social.

Como base nisso, certifica-se que a peça *O Pagador de Promessas*, de Dias Gomes, leva-nos a refletir sobre o comportamento do ser humano diante da religião e de questões como a intolerância religiosa para com os adeptos de religiões distintas, em especial, às de matriz africana nas quais seus adeptos fizeram a verossimilhança entre os santos católicos e seus deuses nagôs, bem como à percepção daquilo que está por trás desta intolerância, ou seja, a disputa de poder no mercado religioso.

#### 4 ASSIM DIZEMOS AXÉ E AMÉM

A marca da religião na sociedade, tomada como guia existencial, encontra-se presente em certos grupos sociais que pautam-se na crença de uma divindade (personificadas ou não, múltiplas ou unificadas) como meio para orientar-se e atuar-se socialmente sob o regimento de leis seguidas por seus fiéis. Por isso que sua presença está diretamente ligada às atividades de lazer e diversão, por ser através dela que os comportamentos de convivência são mantidos como valor de respeito ao próximo.

Diante dos estudos elucidados neste trabalho, a religião é trazida pelos teóricos como meio estruturante da sobrevivência humana, por ter sob regras e normas fatores de coexistência coletiva e individual que, sem elas, seria impossível. Neste sentido, tanto o Candomblé quanto o catolicismo têm preceitos que orientam seus seguidores na tomada de decisões que diretamente afetam na convivência coletiva em sociedade.

Entretanto, como observado na análise da obra *O Pagador de Promessas*, de Dias Gomes, essa regra só é válida até onde uma não invade o espaço da outra, ou seja, a de que o respeito ao próximo não é uma medida a ser acatada quando um dos seus fiéis (Zé do Burro) católicos faz promessa em um terreiro de candomblé. A harmonização em sociedade, pregada pela igreja, na prática, é distorcida no ato que põe o pagador de promessas para fora da igreja.

Já a posição do candomblé em aceitar que Zé do Burro fizesse a promessa no terreiro, mesmo sendo ele católico, é justificada quanto à assimilação que seus adeptos fazem aos santos católicos, prática que inicialmente teve como objetivo salvaguardar suas tradições religiosas africanas, para tanto, ir ao candomblé consultar ou fazer um trabalho não significa ser iniciado, ser da religião.

Enquanto olhar de leitora crítica, a obra mostra-se imparcial a qualquer religião, pois se entende que o drama não levanta discussão sobre a religião, mas suas implicações do conflito religioso presente no enredo é suporte para levantamento de várias questões, como as estudadas nessa pesquisa.

A quebra da visão estigmatizada da religião Candomblé, é um desses quesitos abordados a partir desse estudo. A associação das suas práticas religiosas a algo demoníaco é por vezes estereotipada pelos não adeptos dessa doutrina, além de se estender ao preconceito étnico-racial que leva à intolerância tanto quanto em relação à sua cultura quanto à religião.

É Interessante ressaltar que essa intolerância, atualmente abordada nas discussões sobre a laicidade do nosso estado, não é termo recente, ela advém da perseguição àqueles que eram contra os dogmas cristãos que acabavam sendo julgados e condenados por heresia pela Santa Inquisição. A intolerância, subscrita em análise, traça um perfil da igreja católica demonstrada pelo personagem do eclesiástico Padre Olavo e do Monsenhor Otaviano.

Nessa perspectiva, a partir da pesquisa, é possível levantar a hipótese de que uma das posições mais acertadas a ser tomada, no sentido de respeito à religião do outro, se dá através do “paralelismo” na ideia de uma religião andar lado a lado com a outra, respeitando seu respectivos espaços.

Contudo, pode-se perceber, também, que a obra, consubstanciada nos estudos analíticos, oferece ricos subsídios para o levantamento de novos questionamentos acerca da religião, não como meio de distanciá-la do propósito literário, mas para aproximar o leitor do conhecimento a respeito dos conflitos religiosos que a sociedade atual vive, assim como também entender o processo histórico que levou ao uso de intolerância religiosa para com Zé do Burro.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronaldo de. Dez anos do “Chute na Santa”: A Intolerância com a Diferença. In: In: SILVA, Vagner Gonçalves (org.). **Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro**. São Paulo: EDUSP, 2007.

ALVES, Rubem. A empresa da cura divina: um fenômeno religioso? In: VALE, Edênio. QUEIRÓZ, José J. (org.). **A cultura do povo**. São Paulo: Cortez (Instituto de Estudos Especiais), 1984.

ANDRADE, Maristela Oliveira de. **A Religiosidade Brasileira: o pluralismo religioso, a diversidade de crenças e o processo sintético**. CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, n. 14, Setembro/2009. Disponível em: [www.cchla.ufpb.br/caos](http://www.cchla.ufpb.br/caos). Acesso em: 14.04.2014.

ARAGÃO, Maria Lúcia. Gêneros literários. In: SAMUEL, Rogel (org.). **Manual de teoria literária**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1985.

BARROSO, Oswald. **Resadeiras, resadores, curadores e curandeiras**. Sinf Secult (Sistema de Informação da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará). Relatório de Listagem de Patrimônio Imaterial. Disponível em: [www.sinf.secult.ce.gov.br](http://www.sinf.secult.ce.gov.br). Acesso em: 03.07.2014.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpretações de civilizações**. 2.ed. São Paulo: Pioneira, 1985.

BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (editoração). **Dogmática cristã**. Tradução de Luís M. Sander e Guerrit Delfstra, Luís H. Dreher e Geraldo Kornodörfer. 2.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002. Disponível em: [http://books.google.com.br/books?id=1a83WAIGPJ0C&pg=PA3&hl=pt-BR&source=gbs\\_selected\\_pages&cad=2#v=onepage&q&f=false](http://books.google.com.br/books?id=1a83WAIGPJ0C&pg=PA3&hl=pt-BR&source=gbs_selected_pages&cad=2#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 13.05.2014.

BRAKEMAIER, Gottfried. **Panorama da dogmática cristã: à luz da confissão luterana**. Editora Sindonal, 2010 (Faculdade EST).

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Igreja e Desenvolvimento**. São Paulo: CEBRAP, 1971.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos da teoria e história da literatura**. 7.ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 9.ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.

COUTINHO, Afrânio. **Crítica e teoria literária**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará – PROED, 1987.

DIAS DE OLIVEIRA, Irene. Ancestrais Africanos: da mito-“logia” para a reintegração da vida em diáspora. In: **Anais do III Congresso Internacional de Ciências da Religião**. Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ciências da Religião, Departamento de Filosofia e Teologia, Pontífica Universidade Católica de Goiás. – v.1, n.1 (2007). – Goiânia: PUC Goiás, 2010.

DIAS, Luciana de Oliveira. Aprendendo com os orixás: mitologia iorubana e educação. In: **Anais do III Congresso Internacional de Ciências da Religião**. Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ciências da Religião, Departamento de Filosofia e Teologia, Pontífica Universidade Católica de Goiás. – v.1, n.1 (2007). – Goiânia: PUC Goiás, 2010.

FERNANDES, Rubem César. **Os cavaleiros de Bom Jesus**: uma introdução às religiões populares. São Paulo: Brasiliense, 1982.

FOLLMANN, José Ivo. **Igreja, Ideologia e Classes Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

FRANÇA, Dilaine Soares Sampaio de. “**Uma síntese do àròyé**”: um estudo histórico-antropológico do debate entre os discursos católico e do candomblé no pós-vaticano II. XIII Simpósio da ABHR, 29/05 – 01/06 de 2012, São Luis (MA), GT 06: Religiões Afro-brasileiras e espiritismos. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/view/632/531>. Acesso em: 20.06.2014.

GEERTZ, Clifford. **Religião como Sistema Cultural**. Rio de Janeiro: Ed. Livros Técnicos e Científicos S.A., 1973. Disponível em: <http://www3.est.edu.br/bibbase/epast/documentos/GEERTZ,%20Clifford.%20A%20interpretacao%20das%20culturas,%20p.%2065-91.pdf>. Acesso em: 21.05.2014.

GOMES, Dias (1922-1999). **O pagador de promessas**. 55.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

GUALBERTO, Márcio Alexandre M. Mapa da intolerância religiosa: violação ao Direito de Culto no Brasil. 2011. Disponível em: [http://www.defensoria.sp.gov.br/dpesp/Repositorio/39/Documentos/Mapa\\_da\\_intolerancia\\_religiosa\[1\].pdf](http://www.defensoria.sp.gov.br/dpesp/Repositorio/39/Documentos/Mapa_da_intolerancia_religiosa[1].pdf). Acesso em: 18.06.2014.

LODY, Raul. **Candomblé**: religião e resistência cultural. São Paulo: Ática, 1987.

LOPEZ, Luiz Roberto. **História da Inquisição**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

MARIANO, Agnes. **A invenção da baianidade**. São Paulo: Annablume, 2009.

MADURO, Otto. **Religião e Luta de Classes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981.

MARTINS, Cléo. **Lineamentos da Religião dos Orixás**: Memórias de Ternura. 1.ed. Salvador- BA: Alaiandê Xirê, 2004.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **Bahia, século XIX: uma província no império.** Tradução de Yedda de Macedo Soares. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

MAUS, Marcel. **Antropologia.** Roberto Cardoso de Oliveira (Org.). Florestan Fernandes (Coord.). São Paulo: Trad. de Regina de Lúcia Moraes Morel; Denise Maldi Meirelles; Ivonne Toscano. São Paulo: Ática, 1979. (Grandes cientistas sociais, 11).

NAMAN, Guilherme Miranda. O pagador de promessas: religião e cultura na obra de Dias Gomes. Anais do II Encontro Nacional do GT de Histórias das Religiões e das Religiosidades. **Revista Brasileira de História das Religiões** – ANPHU. Maringá (PR), v.1, n.3, 2009. Disponível em: [http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/rbhr/o\\_pagador\\_de\\_promessas.pdf](http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/rbhr/o_pagador_de_promessas.pdf). Acesso em: 31.08.2013.

OLIVEIRA, Rafael Soares de (org.). **Candomblé: diálogos fraternos contra a intolerância religiosa.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PINKY, Jaime. **A escravidão no Brasil.** 2.ed. São Paulo: Ed. Global, 1982.

PARADISO, Sílvio Ruiz. **Sincretismo em O pagador de promessas, Dias Gomes: diálogo e interação.** Vol. 3 (2010). Disponível em: <http://www.faccrei.edu.br/gc/anexos/diartigos47.pdf>. Acesso em: 31.08.2013.

ORO, Ari Pedro. Intolerância Religiosa Iurdiana e Reações Afro no Rio Grande do Sul. In: SILVA, Vagner Gonçalves (org.). **Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro.** São Paulo: EDUSP, 2007.

REIMER, Haroldo. **Intolerância religiosa e poder.** Disponível em: [http://www.haroldoreimer.pro.br/pdf/Intolerancia\\_religiosa\\_e\\_poder.pdf](http://www.haroldoreimer.pro.br/pdf/Intolerancia_religiosa_e_poder.pdf). Acesso em: 21.08.2013.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e a revolta popular no Brasil do século XIX.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SANTOS, Josué Pereira dos. **O pagador de promessas no contexto do drama/teatro brasileiro moderno: discussão sobre a tragédia nacional popular.** 2012. Disponível em: [http://pos-graduacao.ascom.uepb.edu.br/ppgli/?wpfb\\_dl=410](http://pos-graduacao.ascom.uepb.edu.br/ppgli/?wpfb_dl=410). Acesso em: 31.03.2014.

SANTOS, Rita M. Brito. **Engajamento corporal na presença axé.** XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais: Diversidades e (Des)Igualdades. Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011. Disponível em: [http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307745285\\_ARQUIVO\\_TrabalhoCompleto\\_CLAB.pdf](http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307745285_ARQUIVO_TrabalhoCompleto_CLAB.pdf). Acesso em: 03.07.2014.

SILVA, Jorge da. Guia de luta contra a intolerância religiosa e o racismo. Rio de Janeiro: CEAP, 2009. Disponível em: <http://www.emirlarangeira.com.br/imagens/guia.pdf>. Acesso em: 18.06.2014.

SILVA, Vagner Gonçalves (org.). **Intolerância religiosa**: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: EDUSP, 2007.

SILVA, Luiz Cláudio Barroca da. “**Santo não é orixá**”: um estudo do discurso antissincretismo em integrantes de religiões de matriz africana. 2010. Disponível em: [http://www.unicap.br/tede//tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=466](http://www.unicap.br/tede//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=466). Acesso em: 10.07.2014.

SOARES, Afonso Maria Ligorio. Impasses da teóloga católica diante do sincretismo religioso afro-brasileiro. **Revista Religião e Cultura**: cenas da religião no Brasil. V.1 – nº 1 – jan/jun 2002, PUC/SP – Paulinas. Pp. 66-76. (Edição nº 5 – maio/junho 2006). Disponível em: <http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wpcontent/uploads/2009/05/impassesdateologia-catolica.pdf>. Acesso em: 13.09.2013.

SOUSA, Vilson Caetano de. **Orixás, santos e festas**: encontros e desencontros do sincretismo afro-brasileiro na cidade de Salvador. Salvador-BA: Ed. UNEB, 2003.

VALENTE, Waldemar. **Sincretismo religioso afro-brasileiro**. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1977.

Dicionário Informal. Acesso em: 2014. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/religiosidade/>.

Significados. Acesso em: 2014. Disponível em: <http://www.significados.com.br/religiao/>.

Dogmatismo. Acesso em: 2014. Disponível em: <http://www.infoescola.com/religiao/dogmatismo/>.

A Inquisição. Acesso em: 2014. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/historia/inquisicao/>.

Candomblé: o mundo dos orixás. Acesso em: 2014. Disponível em: <http://ocandomble.wordpress.com/2008/08/24/ebos-e-oferendas-para-os-orixas/>.

Iansã. Acesso em 2014. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/religiao/iansa.htm>.

Dicionário Aulete. Acesso em: 2014. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/sincretismo/>.